

### ***Picconia azorica (Tutin) Knobl.***

*Notelaea azorica Tut., Notelaea excelsa Ait., Picconia excelsa auct. fl. azor e Olea excelsa (PALHINHA, 1966). Picconia excelsa DC. (SEUBERT, 1844).*

*Pau-branco (PALHINHA, 1966).*

Esta espécie foi referida pela primeira vez para as ilhas do Pico e S. Miguel por SEUBERT (1844), tendo sido então designado como *Picconia excelsa* DC. Foi então considerada igual à *Picconia excelsa* (Ait.) DC. da Madeira e Canárias, sendo mais tarde é revista por Tutin e aceite como uma nova entidade botânica para os Açores, com a denominação *Picconia azorica* (Tutin) Knobl., Notizbl. Bot. Gart. Berlin 11: 1028 (1934) (PALHINHA, 1966). Na historia nomenclatural desta espécie existem ainda designações como *Notelaea azorica* Tut (TUTIN, 1933 in PALHINHA, 1966), bem com *Notelaea excelsa* Ait., *Picconia excelsa* auct. fl. azor. e *Olea excelsa* (PALHINHA, 1966). Em termos ecológicos é caracterizada como preferindo *habitat* entre os 300 a 600 m (PALHINHA, 1966) com referências de FRANCO (1984) à sua existência a altitudes que rondam os 700 m. TUTIN (1964) refere que a *P. azorica* é uma espécie rara que ocupa o estrato arbóreo da Floresta de Louro. Embora existam alguns estudos pontuais acerca da sua ecologia, as preferências ambientais e altitudinais desta planta estão ainda por definir (SJÖGREN, 1973).

#### ***Distribuição***

Açores: S. Maria, S. Miguel, Terceira, S. Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo.

#### ***Corologia***

Planta endémica dos Açores.

#### ***Protecção e status***

Protegida pela Directiva *Habitats* 140/99 Diário da Republica – Anexo II e pela Convenção de Berna de 1995 – Anexo I. É uma espécie considerada em perigo (EN), essencialmente por se verificar um declínio contínuo de área, extensão ou qualidade de *habitat*.

### ***Tipos funcionais de plantas***

Micro-fanerófito lenhoso que de acordo com os nossos dados de campo, mede em adulto 4.3 m, em média (+/- 1.6 m com um máximo observado de 8.5 m). Este género é constituído por árvores ou arbustos perenifólios de folhas lanceoladas a ovadas com 3-6 (10) X 1-3 (6) cm, normalmente coriáceas e glabras. As flores, normalmente brancas, estão dispostas em pequenos cachos axilares, e o fruto é uma drupa com 1-1.3 cm (FRANCO, 1971). O estudo fenográfico desta espécie permitiu-nos verificar a ocorrência de plântulas durante quase todo o ano, de Março a Novembro. De acordo com MACIEL (1996), a espécie revelou-se aparentemente não fotossensível, apresentando uma dormência reduzida.

Existem referências à solidez da madeira de pau branco tornando-a própria para obras de carpintaria (RAMOS, 1971). Em 1978, FRUTUOSO aponta que o Pau Branco é uma madeira de interesse para a construção de carros e arados.

### ***Habitat***

Das 56 populações estudadas apenas 1 possuía indivíduos a desenvolverem-se à sombra, assim a maioria das populações de *P. azorica* desenvolve-se em condições fotófitas. Esta espécie parece tender a ocorrer em locais de baixa – média altitude (até 600 m), cerca de 59% das populações estudadas foram encontradas até 300 m, e 93% até 600 m e em locais pouco declivosos, com 54% das populações em locais até 20° de inclinação. De uma forma geral as populações de *P. azorica* ocorrem em zonas de encosta (cerca de 41%), em termos de materiais geológicos os mais frequentes são os basálticos (46%) e os solos evoluídos (32%). No que diz respeito ao substrato sob o qual se desenvolvem os indivíduos de *P. azorica*, os mais usuais foram terrícolas (82%), ocorrendo com frequência os saxícolas e fissurículas. De acordo com a análise “cluster” dos dados de campo foram identificados para esta espécie vários *habitats* que desde já definimos como A, B, C e D.

O *habitat* A é caracterizado por ser tipicamente de encosta (35% das populações deste *habitat*, às quais se pode acrescentar 29% de populações inventariadas em zonas de encosta). Em termos de solos domina o solo evoluído, encontrado em 53% das populações. O material geológico é calhaus (29%) e argilas (24%). Aqui a *P. azorica* desenvolvia-se exclusivamente sob substrato terrícola. Este *habitat*, mais seco e de zonas mais baixas de costa, inclui a quase totalidade das populações da ilha de Sta.

Maria (8 de 10). Deste *habitat* de baixa altitude, sofre grandes pressões antrópicas e daí muito alterado, restam algumas pequenas manchas e um número reduzido de indivíduos em situação de ameaça por avanço de exóticas. Assim, em termos de formações vegetais dominam as matas de *Pittosporum undulatum*, e alguns casos de matas de *Cryptomeria japonica*, *Acacia melanoxylon* e *Eucalyptus globulus*.

Por seu lado o *habitat* B é tal como o descrito anteriormente de encosta (57% das populações deste *habitat*). Em termos de materiais geológico predominam os basálticos (38%), embora apresente alguma diversidade, o mesmo se verifica nos substratos, embora com uma clara dominância para o meio terrícola (67%) e o saxícola (38%).

Este *habitat*, encontra-se a uma altitude superior, continua a sofrer da acção de espécies invasoras, com predominância para o *Pittosporum undulatum* e o *Pteridium aquilinum*. No entanto este *habitat* é “mais natural” sendo dominado por Matas de *Myrica faya* e Matos de *Erica azorica*.

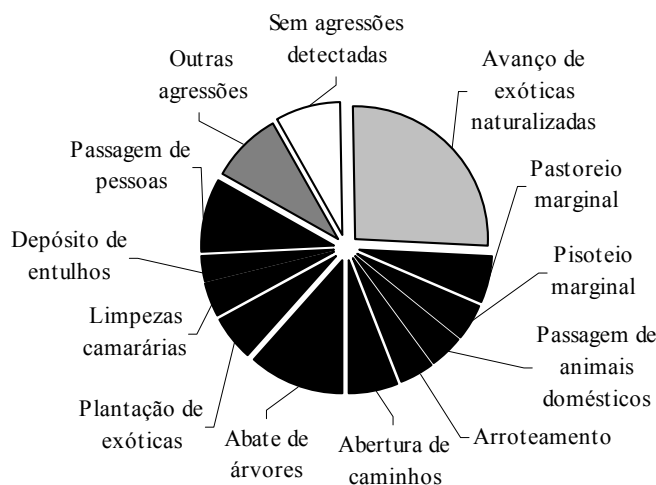
O *habitat* C continua a ser de encosta (67%), em que 33% correspondem a paredes. Realça-se que 33% das populações deste *habitat* foram inventariadas como em locais de base. No material geológico dominam os saxícolas (67%) sendo no entanto bastante variáveis. Nos substratos predominam os terrícolas (83%) bem como os fissurícolas (33%), ocorrendo outros como o saxícola e o húmico (17% cada). Este *habitat* de altitude tem ainda formações vegetais dominadas por espécies arbustivas exóticas (já referidas para as outras tipologias de *habitats*) mas ocorrem também em formações dominadas por *Laurus azoricus*, *Erica azorica*, *Myrsine africana* e *Frangula azorica*. Finalmente o *habitat* D, de montanha, em de campos de lava (33%), na zona de ribeiras (33%) e em caldeiras (17%). Neste dominam os materiais basálticos (92%) e o solo evoluído (50%) e até mantos emergentes (67%). Em termos de substrato este é pouco variável e restringe-se ao saxícola (83%) e ao terrícola (92%). Por vezes as condições de humidade são de tal modo extremas que é possível encontrar plantas como as do género *Sphagnum* spp. Este *habitat*, ao localizar-se em locais mais afastados da acção do homem é composto por formações vegetais naturais, nomeadamente de *Laurus azorica*, *Juniperus brevifolia* e *Ilex perado* ssp. *azorica* (Tab. 1). São frequentes, os Matos dominados pela espécie em estudo, *Picconia azorica*.

### **Ameaças**

Esta espécie, actualmente em perigo, sofre a acção de um grande número e diversidade de ameaças, sendo a mais frequente, o avanço de exóticas naturais, observado em 57% das populações estudadas. Existem outras agressões que poderão condicionar o desenvolvimento desta espécie tais como pastoreio (13%) e pisoteio marginal (9%), passagem de animais domésticos (9%), arroteamento (9%), plantação de exóticas (13%), limpezas camarárias (9%), passagem de pessoas (20%) e abate de árvores (25%).

No que diz respeito a ameaças potenciais consideradas parece que a situação das populações em estudo é bastante grave e deve ser motivo de preocupação, pois além das ameaças antrópicas possíveis existem ainda algumas naturais a considerar tais como: fogo (32%), erosão (13%), desabamentos (29%), doenças (23%) e evolução do *habitat* (27%). A acção do homem nesta espécie poderá, no futuro, reflectir-se na recolha selvagem espécimes (29%) e no abate de árvores (27%).

Em cerca de 18% das populações não foram observadas quaisquer ameaças.



*Figura 1 – Ameaças encontradas para as actuais populações de P. azorica. Outras ameaças: pisoteio directo, poluição orgânica, dejectos, alteração hidrológica, herbivorismo, recolha selvagem espécimes*

## **Informação Ecológica**

*Tabela 1: Avaliação do estado de Conservação/Populacional de Picconia azorica.*

<b>Ilha</b>	<b>SIC</b>	<b>Espécie</b>	<b>População</b>	<b>Conservação</b>
Flores	Zona Central - Morro Alto	Picconia azorica	C	B
Pico	Mistério da Prainha e Caveiro	Picconia azorica	C	B
Pico	Montanha do Pico	Picconia azorica	C	C
São Jorge	Costa Nordeste	Picconia azorica	C	B
Corvo	Costa e Caldeirão	Picconia azorica	C	B
Faial	Caldeira e Capelinhos	Picconia azorica	C	C
Faial	Ponta do Varadouro	Picconia azorica	B	B

**Observação:** estas classificações são realizadas de acordo com as regras estabelecidas pela Comissão Europeia DG XI.D.2

\* **População:** tamanho e densidade da população da espécie presente no sitio em relação à população do território nacional.

A:  $100\% \geq p > 15\%$

B:  $15\% \geq p > 2\%$

C:  $2\% \geq p > 0\%$

D: População não significativa

\* **Conservação:** grau de conservação das características do habitat que são importantes para a espécie em causa e com possibilidades de recuperação.

A: Excelente conservação

B: Boa conservação

C: Conservação média ou reduzida